

Editorial

Em 1975 Pier Paolo Pasolini vociferava regularmente no *Corriere della Sera* contra a despolitização da Itália, corrompida pelo “fascismo do consumismo”, acomodada numa democracia prematuramente degenerada pela “falsificação dos valores”, esquecida das virtudes camponesas e pré-industriais e da ebulição política que se seguira à libertação do fascismo no pós-guerra. Não se pode imaginar descompasso maior entre este retrato da sociedade italiana e o retrato da sociedade portuguesa naquele ano e nos seguintes, em que preparávamos a publicação da *Revista Crítica de Ciências Sociais* (RCCS).

Estávamos a viver intensamente a Revolução de 25 de Abril de 1974 que pusera fim a 48 anos de fascismo, não tínhamos saudades do passado, a efervescência política não podia ser mais intensa, acumulavam-se as contradições de uma crise revolucionária de um novo tipo, que abria o caminho para experiências democráticas avessas à institucionalização e à rotina dos procedimentos, ao mesmo tempo que criava expectativas sociais de tal modo elevadas que dificilmente não redundariam em frustração. Os temores de Pasolini não pareciam ter cabimento, mas havia sinais de que, em presença de tantos valores genuínos tão contrastantes, alguns acabariam por se revelar falsos ou seriam falsificados ou simplesmente sacrificados. Por sua vez, o consumismo ainda não nos preocupava, mas o desejo dele, sim.

Era um tempo solar, estávamos na primavera. Era um tempo lunar (às vezes, lunático), estávamos no quarto crescente. Neste contexto, os jovens cientistas sociais e os especialistas das humanidades – alguns deles regressados há pouco do estrangeiro – dispostos a criar a RCCS não imaginavam não se comprometer ativamente com o tempo, um verdadeiro *kairós* exaltante. Comprometer-se significava sentir-se pessoalmente responsável, tanto pelo que ocorria como pelo que não ocorria. Era um tempo de convicções vincadas e o tempo para as discutir, por maior que fosse, nunca era suficiente. Os mapas para analisar toda esta ebulição eram toscos e nem sequer havia muito tempo para os ler. Ainda não havia semáforos intelectuais para o novo período e os do período anterior estavam (provisoriamente?) desativados. A confusão do trânsito das ideias era enorme e os acidentes, frequentes. Tínhamos, no entanto, algumas orientações fortes, construídas coletivamente, e foram elas que nos guiaram desde o primeiro número. À medida que os sucessivos números iam

sendo publicados, as orientações eram revistas e ampliadas. Este processo de crescimento e de conscientização do lugar da RCCS nas ciências sociais e humanas foi muito rápido e intenso. A título de exemplo, cito a última frase do editorial que escrevi para o número 10 da RCCS, publicado em dezembro de 1982: “Os cientistas sociais que nasceram contra a natureza e do lado do Estado e das palavras (quando não das palavras do Estado) têm de rever os seus lugares e as suas alianças, sobretudo nós, os cientistas sociais portugueses, que nascemos tarde e a boas horas” (p. 5). O mesmo se pode dizer da nossa análise do processo revolucionário. Escrevia eu no editorial do número 11, publicado em maio de 1983: “O processo de transformação social do 25 de Abril de 1974, que parecia indicar um caminho próprio, original, de emancipação nacional, foi sujeito [...] à lógica global do corte e costura político dos interesses estratégicos hegemónicos a nível mundial” (p. 6).

Tínhamos a consciência de que, em vez de sermos, íamos sendo, e por isso sentíamos que os passos que dávamos, por mais surpreendentes ou centrífugos, se mantinham no trilho amplo de fidelidade ao projeto editorial originário. Por essa razão, as diferenças que separam o número 1 deste número especial não nos impedem de ver pelo retrovisor uma estrada feita por humanos prudentes e não por deuses loucos. Usando uma metáfora da construção civil, quando entramos hoje na RCCS, vemos um apartamento amplo bem mobilado e arrumado para não falhar nenhuma das inspeções de sanidade e de credibilidade intelectual que os critérios internacionais de reputação habitacional do mundo académico hoje nos impõem (Scopus, Web of Science-Clarivate Analytics, SciELO, Qualis-CAPES, DOAJ, ERIH Plus, EBSCO, Francis, International Bibliography of the Social Sciences, Latindex, Pascal, Sociological Abstracts, entre outros). Comparado com esta orgia de reputação (pela qual não nos deixamos iludir, pois sabemos que, em boa medida, é ilusória e deixa no desperdício das margens revistas apenas diferentes de nós, mas nossas companheiras de luta), a RCCS era no início uma tenda de campismo onde a ordem e a desordem, os planos e as contingências, os prazos e os atrasos conviviam como se fossem irmãos gémeos. Tínhamos um campo imenso na nossa frente, e o objetivo era plantar tantas árvores escritas quanto possível, sem monoculturas disciplinares nem agrotóxicos de reputação bibliográfica. O mais reconfortante para mim, como primeiro diretor da RCCS, é que esta imensidão de árvores não nos impede hoje de ver a floresta, a floresta que é agora mais abundante, mas tão acolhedora como a magra floresta dos momentos iniciais. Assim, os artigos que compõem este número dão testemunho eloquente dos caminhos que percorremos nestes 40 anos, procurando ser fiéis à vocação originária da revista, interdisciplinar e crítica, ao mesmo tempo que fomos diversificando

os nossos temas, à medida que se foi ampliando a nossa investigação no Centro de Estudos Sociais e mais investigadores e investigadoras de diferentes nacionalidades foram dando preferência à nossa revista para publicar os seus trabalhos.

Para uma pessoa, 40 anos significa o apogeu. E para uma revista? Se as revistas fossem pessoas não poderíamos deixar de pensar no célebre dito de Arthur Schopenhauer: “os primeiros 40 anos da vida dão-nos o texto; os 30 anos seguintes fornecem-nos o comentário sobre ele”. Claro que hoje, com o aumento da esperança de vida que ocorreu desde o início do século XIX, os outros 30 anos seriam agora 40 ou mais. A verdade é que as revistas são feitas por pessoas, mas não são pessoas. De algum modo, escrevem simultaneamente o texto e o comentário. Pode mesmo acontecer que o comentário surja primeiro como um “ainda não” que urge ser escrito – e que, mais tarde ou mais cedo, o será por algum dos colaboradores. Por isso, a RCCS continuará a renovar-se e reinventar-se por muitos anos. É isso o que todos nós e todos os que hão de vir desejamos.

Boaventura de Sousa Santos
Madison, WI, 28 de setembro de 2018

